



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

**PATHOS E ETHOS:
VIOLÊNCIA E IDENTIDADE NAS BARRAS DE BUENOS AIRES**

Ailton Laurentino Caris Fagundes

aailton@usp.br

Universidade de São Paulo, USP; Universidade Federal de Goiás, UFG
Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

Fora do gramado, em torno dos clubes de futebol de diversas partes do globo, formam-se legiões de seguidores apaixonados que constroem identidades e sociabilidades com regras próprias. Entre esses torcedores nascem construções morais, costumes, hábitos, valores e crenças sob as quais o modo de demonstrar a paixão a um determinado clube será direcionado e reconhecido pelos demais e, muitas vezes, recompensado com diferentes níveis de status; os torcedores mais fiéis, seriam portadores de um determinado capital simbólico. No caso argentino, a existência de uma barra (grupos de torcedores de uma determinada equipe) pressupõe um certo imaginário criado sobre mitos de origem e de heroísmo e de uma identidade forjada a partir de uma suposta origem comum e de laços de solidariedade, nesse sentido a torcida seria uma espécie de exército de guardiões do ethos de cada clube. É na barra que estão aqueles soldados que dedicam parcelas importantes de suas vidas para garantir as honras e glórias desse passado mítico e heroico; e, por conta disso, devem receber distinção e reconhecimento dentro da escala de valores do grupo. Para além de um suposto (e falso) domínio das paixões e da irracionalidade, o que garante a coesão das barras é um conjunto de crenças que são aceitas e estimuladas dentro de um complexo conjunto de rearranjos e ressignificações de determinados valores sociais. O objetivo deste trabalho é discutir as noções de identidade e pertencimento dentro das barras de Buenos Aires a partir da reconstrução dos conceitos de ethos, pathos e status. De um lado tenta-se mostrar como uma barra é constituída a partir de determinadas crenças que lhes dão coesão interna, e de outro lado, como os valores coletivos são absorvidos pelos membros e utilizados como símbolo de distinção entre os torcedores dos clubes.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

Off the pitch, around football clubs from many parts of the globe, legions of passionate followers are formed who build identities and sociabilities with their own rules. Among these fans are born moral constructs, customs, habits, values and beliefs under which the manner of demonstrating the passion of a particular club will be directed and recognized by others and often rewarded with different levels of status; the most loyal fans, would be carriers of a certain symbolic capital. In the Argentine case, the existence of a bar (groups of fans of a certain team) presupposes a certain imaginary created on myths of origin and heroism and an identity forged from a supposed common origin and ties of solidarity, in that sense the crowd would be a kind of army of ethos guardians of each club. It is in the bar that are those soldiers who dedicate important portions of their lives to guarantee the honors and glories of this mythical and heroic past; and, on account of this, should receive distinction and recognition within the group's scale of values. Beyond a supposed (and false) domain of passions and irrationality, what guarantees the cohesion of the bars is a set of beliefs that are accepted and stimulated within a complex set of rearrangements and resignifications of certain social values. The objective of this work is to discuss the notions of identity and belonging within the bars of Buenos Aires from the reconstruction of the concepts of ethos, pathos and status. On the one hand we try to show how a bar is constituted from certain beliefs that give them inner cohesion, and on the other hand, how collective values are absorbed by the members and used as a symbol of distinction among club supporters.

Palabras clave

(Barrabravas; Identidade; Violência)

Keywords

(Barrabravas; Identity; Violence)

Introdução



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O futebol ocupa um papel fundamental na construção das identidades coletivas e, portanto, constitui um aspecto relevante a partir do qual se pode observar processos de mudança cultural e formas de organização social. É dentro desse espectro, que devemos buscar compreender as barras: grupos de torcedores de um determinado clube que se unem para acompanhar e apoiar seu time. Suas origens remontam à década de 1930, embora presente em diversos países, as barras são um produto tipicamente argentino, a ponto de ser provavelmente a maior marca do futebol naquele país. De modo simplista, podemos definir Barra como um grupo de torcedores (hinchas) de um determinado clube que se une para acompanhar e apoiar seu time. Como fenômeno cultural, a barra é um produto tipicamente sul-americano e, ainda que suas origens sejam também reivindicadas pelos uruguaios, é na Argentina onde elas mais se desenvolveram e ganharam projeção e é a partir de onde serão exportadas para diversos países.

As barras argentinas são mundialmente conhecidas por incentivarem incondicionalmente suas equipes com cantos intermináveis, instrumentos e diversos materiais e, sobretudo a partir da década de 1990, se tornaram uma espécie de modelo para torcedores de futebol em diversas partes do mundo. Facilmente reconhecidas, nas arquibancadas geralmente ficam atrás dos gols e acompanham as partidas sempre de pé, cantando durante toda a partida. O que une os torcedores é a ideia de que se consideram os legítimos representantes da alma e da garra das suas equipes e é nesse sentido que podemos tentar entendê-las em suas semelhanças e diferenças, pois é esse o caminho para buscar encontrar a identidade que determinam as suas ações. Hoje é possível encontrar barras em praticamente em toda a América Latina e em países os mais diversos, como Japão, Ucrânia, Estados Unidos e Grécia, onde elas não existem oficialmente é possível enxergar sua influência nas torcidas locais.

Grupos semelhantes às barras são encontrados em todo o mundo; como exemplos temos os ultras, sobretudo em países da Europa latina, os hooligans nos países da Grã-Bretanha e as torcidas uniformizadas do Brasil. Há, contudo, diferenças importantes; os ultras surgem com propósitos semelhantes, porém não é comum a violência e não existe qualquer apologia a comportamentos delinquentes, também não há maior identidade entre seus membros; ao contrário das



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

torcidas organizadas brasileiras, uma barra não possui uniformes próprios, estrutura hierárquica definida com estatutos e diretores e, de modo geral, nem mesmo associações fixas. Já as firmas hooligans inglesas, ainda que muitas vezes possam ter um caráter político geralmente ligado a grupos de extrema direita, costumam buscar uma identidade a partir do comportamento marginal e dos atos de vandalismo dos seus membros que não são necessariamente restritos ao futebol.

O hincha e os usos da paixão

Está no imaginário do torcedor argentino que ele pode de algum modo influenciar no resultado de uma partida e que esse é o seu papel, diferente do teatro ou do espectador comum de outros esportes o do futebol não apenas faz parte do espetáculo como é ator chave para o seu desenrolar. Nesse sentido duas características são fundamentais para o sentimento da não passividade esportiva, de um lado a ideia de que ele é um profundo conhecedor do esporte, o hincha é aquele que conhece o melhor esquema tático, a escalação ideal e as contratações necessárias mas também o estilo que o time deve jogar conforme a história e o sentimento do clube, de outro é aquele que, através do exemplo, pode exigir dos jogadores a habilidade, virilidade, entrega, coragem e paixão que eles portariam caso estivessem em seu lugar. Para Frydenberg (2011), no caso argentino a formação dos públicos ajuda a elevar o grau de identidade entre o jogador e o hinchado que em suas primeiras décadas os espectadores de futebol eram, em geral, jogadores e ex-jogadores que conheciam o jogo a partir de experiências vividas e que as sustentavam como um poder legitimador para suas críticas e comportamentos.

Os hinchas, integrantes das barras se enxergam como representantes da alma e da garra das equipes e cada uma delas se pensa a partir de um modelo ideal de torcedor. Como organização coletiva, as barras evidenciam aspectos de identidades étnica, classista, política e territorial ao se sentirem como representantes da identidade do clube, uma identidade montada sobre as características sociais, econômicas e culturais do bairro; embora para quem observe de fora o mais provável é que veja apenas gangues violentas numa luta sem sentido. Para compreender esse fenômeno é importante pensar que o bairro é parte essencial da identidade dos argentinos, sobretudo daqueles que vivem nas grandes cidades, pode ser considerado como o componente básico



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

da vida portenha, edificado desde as formas da vida cotidiana até os imaginários populares, é um âmbito de igualação, de participação e solidariedade, mas também, cenário de distinção social e de edificação de uma ideologia de bairro, construída sobre a base da diferença e da alteridade ameaçadora.

Na região metropolitana de Buenos Aires são dezenas de clubes e barras e as rivalidades se dão, antes de mais nada, pela questão territorial, cada uma delas é representante do seu pedaço. Dominar uma barra significa controlar um território e com isso conquistar prestígio político e vantagens econômicas. Por conta disso e também pelo fato de que elas não possuem uma estrutura hierárquica definida, como as torcidas organizadas brasileiras, a violência é muito mais comum no interior de cada uma do que nas disputas entre elas. O termo Barra Brava, mais utilizado que do que simplesmente barra, é pejorativo e relaciona essas torcidas a seus atos violentos, provavelmente surgiu ainda em 1925 quando, na edição de fevereiro, a revista *Critica*, publicou uma nota com esse mesmo nome em que definia *grupos más o menos uniformes de 'energúmenos que solo van a los fields com el objeto de poner de manifiesto sus bajos instintos'*.¹

De fato, pelo menos desde a década de 1920, é comum que a rivalidade se transforme conflito e os atos de violência são relativamente comuns; algumas barras ou alguns de seus líderes são constantemente acusados de ligações com atividades criminosas como o tráfico de drogas. Também é comum a ligação das barras com certos grupos políticos, ainda que algumas vezes isso se dê menos por questões ideológicas que por interesses em comum. Desde o início da era profissional, em 1939, foram registradas mais de 150 vítimas fatais em confrontos entre torcidas além de uma enorme quantidade de feridos².

As características dessa violência mudaram ao longo do tempo, inicialmente ela se dava fundamentalmente nas disputas entre torcedores de clubes rivais e era quase sempre restrita a

¹ Citado por FRYDENDERG, Julio. *Historia social del fútbol. Del amauterismo a la profesionalización*. Buenos Aires: Siglo Veinteuno, 2011. (p. 226).

² A Argentina disputa com o Brasil a liderança do ranking de países com maior número de mortes de torcedores no futebol. Considerando que a população argentina é pelo menos quatro vezes menor que a brasileira, pode-se imaginar que ali o problema muito mais agudo. Há, entretanto, uma diferença fundamental na configuração dos conflitos e das mortes entre torcedores, enquanto no Brasil a violência se dá em conflitos entre torcedores rivais, na Argentina a maioria das mortes tem ocorrido em disputas entre torcedores de uma mesma equipe.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

demonstrações de força física, se reduzindo a brigas de mãos, mas recentemente o uso de armas brancas e de fogo são cada vez mais comuns e os conflitos têm se dado dentro das barras, em disputas por poder e prestígio. Dentre as maiores e mais importantes barras do país, cinco estão na região metropolitana de Buenos Aires: La 12 do Boca Juniors, Los Borrachos del Tablón do River Plate, Los Diablos Rojos do Independiente, La Guardia Imperial do Racing, La Gloriosa Buteler do San Lorenzo. Estas disputam poder e territórios com mais algumas dezenas de barras menores e é comum que as rivalidades se transformem em conflitos e os atos de; algumas barras ou alguns de seus líderes são constantemente acusados de ligações com atividades criminosas como o tráfico de drogas. Não faz sentido imaginar que aqueles que se envolvem em atividades ilegais ou violentas são mais ou menos torcedores que os demais mas é legítimo pensar que essas atividades não apenas são aceitas mas também comumente estimuladas dentro de um complexo conjunto de rearranjo e re-significação de determinados valores sociais. O fato é que há uma construção moral sob a qual o modo de demonstrar a paixão ao clube reside na disposição ao sacrifício e ao sofrimento, ser hinchado é estar disposto a fazer esforços para acompanhar e se dedicar ao time (Damo, 2002), nesse sentido, o verdadeiro torcedor é aquele que abre mão de questões da vida cotidiana para acompanhar a equipe em viagens aonde quer que ele vá, é estar disposto a brigar, bater ou apanhar, para defender a sua hinchada, acompanhar o time em seus piores momentos, cantar e alentar até os limites do corpo numa espécie de devoção desinteressada.

Assim, o hinchado se diferencia do rival, o amargo, por ser portador de um capital simbólico. Esse capital depende de três características fundamentais: a fidelidade à equipe e também à hinchada, o fervor com que se alienta durante toda a partida e o lutar na defesa do clube e da barra. A fidelidade é um comportamento e significa acompanhar o time mesmo nos seus piores momentos e estar com a barra mesmo que isso represente perigo; o fervor é mais que um rito é a expressão de um sentimento e de uma devoção, o lutar envolve fundamentalmente a disposição à violência como forma última de garantir a honra e as glórias da barra.

Os membros de uma barra carregam um sentimento de superioridade em relação aos demais hinchados, no imaginário desses torcedores a barra representa uma espécie de exército que possui tanto a função de defender tanto as cores e a camisa do time quanto as honras e os valores



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de toda a hinchada, assim, os que estão na barra são aqueles que se dispõem a lutar, dedicando partes importantes da sua vida e por vezes arriscando a própria vida em nome da instituição e da coletividade. Esse sentimento é compartilhado não apenas pelos integrantes da barra ou pelos membros da hinchada mas também por parcelas significativas da juventude portenha, por conta disso é sempre grande o número de jovens que desejam ingressar e participar das barras, ser reconhecido como parte de um desses grupos é um sinal de distinção e, nas escolas e nos bairros, significa ter poder, ser portador de determinadas características de uma certa masculinidade mas, sobretudo, estar ligado a um grupo forte, disposto a proteger e vingar os seus membros. Por outro lado, viver para a barra pode permitir, em algum momento, também viver da barra, mas para isso é preciso demonstrar determinados valores e capacidades que vão além do simples alentar.

É, sobretudo, nos *combates* entre hinchas de equipes diferentes que o hincha pode mostrar seu valor para a barra. Os que lutam e os que plantam são os que merecem respeito e glórias. Plantarse significa não fugir do combate, isto é, estar disposto a defender os valores e os patrimônios do grupo mesmo estando em minoria e ainda que para isso seja preciso arriscar a integridade física e mesmo a vida. Coragem e lealdade são valores essenciais para um hincha da mesma forma que fraqueza, covardia, medo e descompromisso são inadmissíveis. Enfrentar o grupo adversário, não fugir do combate mesmo quando se está em minoria (plantar-se), é efetivamente um ato heroico, merecedor de respeito pelos demais membros da barra e também pelos adversários, ainda que esses jamais assumam as qualidades do adversário publicamente.

Faz parte de um código de honra comum às barras e diz respeito às características que distinguem os melhores combatentes, assim há discurso que qualifica o hincha que mais luta pelo seu grupo, o aguante, e diminui aqueles que fogem das batalhas e aqueles que utilizam armas de fogo em combates contra indivíduos ou grupos que se garantem com as mãos limpas. Ainda que as armas, brancas ou de fogo, sejam comuns a quase todas as barras o fato de ser tachadas como barras que só se garantem ou se plantam quando armados significa uma importante forma de desqualificação. Se negar ao combate ou correr diante do adversário quando isso não é absolutamente essencial são comportamentos condenáveis dentro das barras, demonstram fraqueza e descompromisso com o grupo mas não são tão graves quanto perder *los trapos*, as faixas ou bandeiras



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

que como estandartes representam o grupo.

Como patrimônio e símbolo das hinchadas, quando roubados dos adversários os trapos são exibidos como troféus de guerra e quando perdidos lamentados como uma humilhação imposta. Como relíquias, as barras guardam os trapos conquistados e, quando podem, os exhibe nos estádios tanto como provocação aos adversários quanto como sinal de força (Moreira:2008, 84). Ganhar ou perder uma partida pode fazer parte do jogo mas perder uma peleja, ter um trapo roubado ou ser calado em seu próprio estádio (cancha) é uma derrota moral inaceitável. Ao contrário de uma partida comum em que o resultado pode ser digerido ou esquecido em alguns dias, os trapos ganhos ou perdidos serão eternizados como troféus e as glórias da conquista ou as humilhações da derrota passarão a fazer parte da hinchada e da barra enquanto a memória for cultivada pelo vencedor.

Há um código de ética que determina o valor de cada membro dentro da hierarquia da barra e ele é fundamental para determinar o espaço e as expectativas de cada um. Esse código é construído em seus próprios parâmetros e valores e, não raro, estabelecem um ordenamento baseado em práticas que fora do grupo seriam condenáveis. Assim, o uso de drogas, a prática de pequenos delitos e o uso constante da violência são comportamentos que ganham re-significado e se tornam motivos de honra e prestígio. Não é apenas a capacidade do uso da violência que determina o *capo* ou os referentes³ de uma hinchada, é também a capacidade que cada liderança possui para oferecer em termos simbólicos e práticos para os grupos e indivíduos que formam ou apoiam a barra. Em termos práticos é necessário ter a capacidade de gerar e distribuir recursos, em termos simbólicos significa ter conquistado legitimidade de liderança pela conduta exemplar dentro dos valores da barra se mostrando capazes de garantir o nome, o renome e os interesses do grupo (Moreira, 2008:85).

Organizadas como uma instituição de combate, as barras valorizam seus melhores „soldados“, aqueles que estão em todas as batalhas e sempre dispostos a todo tipo de enfrentamento,

³ Os líderes das barras costumam negar qualquer ideia de comando pois isso acarretaria a possibilidade de responsabilização por atos dos membros comandados, assim, de modo geral, eles se autodenominam e são reconhecidos como referentes, isto é, como aqueles que pelo seu comportamento e exemplo servem de modelo ou referência para os demais.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

mas isso não basta para se ascender à uma posição de liderança, além de valentia é preciso mostrar solidariedade aos membros da hinchada, companheirismo, respeito à hierarquia, talento para negociação e, como dito, capacidade de gerir e distribuir recursos. Nas barras maiores, as lideranças distribuem ingressos, oferecem lanches aos seus aos membros da barra nos intervalos dos jogos e conseguem transporte para jogos em cidades distantes graças a negociatas com diretores de clubes e políticos expressivos nas barras menores, com recursos escassos, o poder simbólico da liderança se torna mais visível.

Opor um lado os clubes financiam suas barras oferecendo dinheiro, viagens, ingressos, influência e poder aos seus líderes, por outro, as barras sustentam atividades, quase sempre ilegais, que vão da oferta de vagas de estacionamento à venda de drogas, que garantem aos chefes dinheiro, força e prestígio. Estar no comando de uma grande barra pode significar uma liderança que interessa a grupos e partidos políticos, a liderança de um grupo pequeno habilita prestígio no clube ou no bairro. Em La 12, principal barra do Boca Juniors, a liderança significa prestígio político e reconhecimento em todo o território nacional nas organizações menores como a Banda 100% Caballito, do Ferro Carril, estar à frente do grupo dá um reconhecimento menor, geralmente restrito aos bairros ou a partes da região metropolitana e se o dinheiro e as facilidades não vêm com tanta facilidade é certo que as relações com os dirigentes sempre lhes dá, ao menos, o direito de escolher quem pode ou não entrar no estádio sem pagar nada.

O poder dos referentes não é apenas exercido sobre o grupo mas é o poder do próprio grupo, assim o capo ou líder tem um poder que advém do grupo e é legitimado por ele. Não é, portanto, um poder pessoal mas a representação de um poder que é da própria hinchada, quanto mais poderosos forem os líderes mais poderosa será a barra e vice-versa, o que inviabiliza ou dificulta qualquer modelo horizontal ou democrático de organização.

Para além do bem e do mal

Se o reconhecimento dentro da barra ou do bairro é sinal de um prestígio conquistado através de lealdades, atos de coragens e glórias diversas, fora desses grupos a imagem de aguante pode trazer uma série de dificuldades na vida cotidiana. Ocorre que a esses hinchas, como quais-



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

quer outros, mantém relações sociais diversas e se situam em diferentes redes de sociabilidade e pertencimento. Hinchas de um mesmo bairro podem torcer por clubes diferentes e rivais, do mesmo modo amigos ou irmãos podem pertencer a barras distintas e ainda assim freqüentar os mesmo espaços públicos, seja para lazer, trabalho ou estudo. Decorre daí um problema comum aos aguentes que se envolvem em batalhas, ferindo ou impondo humilhações a hinchas adversários pois estes podem ser facilmente reconhecidos e vingados, disso decorre que, de modo geral, os homens das primeiras linhas de uma barra sejam, mesmo que não quisessem, forçados a abandonar estudo e trabalhos formais e impelidos a uma vida social restrita, dentro dos limites territoriais considerados seguros.

No processo de construção de identidades, os hinchas constroem e reconstroem imaginários coletivos baseados em glórias do passado, construções ficcionais ou mentiras assumidas como verdades que são aceitas como dogmas irrefutáveis (Arangón, 2011:4). Essas construções servem para diversos fins e envolvem tanto o clube e o bairro quanto a hinchada, seus homens e a barra, nelas são expressas os valores e os códigos morais de cada grupo. São narrativas que transformam fracassos em glórias, que vangloriam ganhos e feitos e organizam não apenas uma identidade positiva para seus membros como também um imaginário que os coloca acima dos seus rivais. As grandes derrotas, as crises profundas e as adversidades são, assim, transformadas em motivos de orgulho, na torcida do Racing, por exemplo, a falência do clube, ocorrida em 1999 quando a justiça decidiu vender os bens e o estádio para quitar dívidas atrasadas, não é um motivo de vergonha mas de orgulho pois é lido como um momento de superação no qual os torcedores se unem para sustentar e reerguer um clube que passa efetivamente a ser patrimônio deles como se clube, time e torcida fossem efetivamente uma só coisa.

*De pendejo te sigo, junto a Racing siempre a todos lados Nos
bancamos la quiebra, un descenso y fuimos alquilados No me olvido
esse dia, que una vieja chinflada decia
Que Racing no existia y tenia que ser liquidado Si
llenamos nuestra cancha y no jugamos Defendimos del
remate nuestra sede*



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Si la nuestra es una hinchada diferente...

Do mesmo modo os hinchas do San Lorenzo cantam o fato de se manterem fiéis apoiando o time em seu momentos difíceis, quando o clube ficou sem estádio e caiu para a segunda divisão seus torcedores cantavam:

*Acá está la Gloriosa Hinchada de San Lorenzo La eu no
tiene cancha y se banco el descenso A pesar de los años,
los momentos vividos,
Siempre estar é a tu lado San Lorenzo querido...*

Nos momentos difíceis a unidade entre time e clube e entre o bairro e a hinchada sofre uma reinterpretação de modo que as dificuldades enfrentadas por uma determinada equipe não representem uma crise para o clube ou para que esse seja não uma instituição formal mas uma entidade etérea sob a qual se unem os hinchas. Com isso é possível justificar e glorificar, como faz os torcedores do San Lorenzo, que o grupo se faz mais forte nas adversidades. Do mesmo modo que as dificuldades e adversidades são transformadas em motivos de honra, as atribuições de características pejorativas e os insultos geralmente são incorporados pelas hinchadas como parte da sua identidade; os apelidos de bosteros, gallinas, cuervos e cerveceros, que designam os simpatizantes do Boca, River, San Lorenzo e Quilmes, respectivamente, nascem de insultos dos adversários que tentam ligar esses hinchas a características supostamente negativas como pertencer a um bairro muito pobre, ser fraco e covarde para lutar, ser fundado por um padre ou morar numa cidade que tem como referência a maior fábrica de cerveja do país.

Muitas vezes a rivalidade é expressa não apenas em termos de barra ou clube mas como expressão das disputas entre bairros. A identidade de cada torcedor é relacionada com a identidade do clube e esta com a do bairro, desse modo os hinchas do Chacarita são conhecidos como funebreros por conta da proximidade do bairro de mesmo nome com cemitério, os do Nueva Chicago são toritos pelo fato de Mataderos ter sido sede de um grande matadouro de gado bovino, os do Huracan são quemeros devido à queima de resíduos sólidos que ocorria num lixão a



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

céu aberto do bairro que recebia o lixo da cidade.

Os torcedores de um time são, de modo geral, relacionados aos moradores do bairro sede do clube, assim os hinchas do Nueva Chicago, por exemplo, clube de Mataderos, provocam os adversários do All Boys, de Floresta, cantando “*Floresta puta, chupame bien los huevos, el barrio Mataderos vos nunca lo copas...*”, ou ainda “*Mataderos me enamoré de ti; Mataderos siempre vas a existir . La alegría de ver a Matadeee (...) Floresta sentada se quedó blanco y negro la puta que te pariooo*”, ao passo que a torcida do All Boys: “*Tengo un hijo alla en mataderos, siempre me coji al funebrero, cuado fuimos a lafe esta banda corrio a los villeros (...). De la cuna hasta la tumba, siguiendo a Floresta, yo soy de All Boys a morir!*” Bairro e clube se tornam uma coisa só “*Matade mi pasion, sos la droga qe le pido a dios, Matade mi barrio, doy la vida por salir Campeon*”.

Do mesmo modo, clubes que tiveram que sair de seus bairros de origem geralmente por conta do crescimento urbanos e da especulação imobiliária, perdem mais que sua identidade, perdem antigos torcedores e dificilmente conquista novos; é o caso dos times do Almagro, Chacarita e San Telmo, que levam os nomes dos bairros onde nasceram mas que hoje tem sede fora da cidade. A Capital Federal e ainda as cidades que formam a grande Buenos Aires possui bairros muito bem delimitados, cada um deles com sua história e seus perfis culturais e socioeconômicos, sejam reais ou imaginários, que constroem e definem a identidade de cada um deles a partir das suas relações com os demais. Essa história e esses perfis de modo geral conjugam os ideais que são expressos nos clubes que os representam (Arangón, 2011). Questões étnicas e de classe, ideologias políticas e representações culturais presentes na identidade dos bairros passaram a ser marcas assumidas da identidade dos torcedores dos clubes ainda que a origem de cada um deles possa ser bastante diversa.

O amor ao clube nem sempre coincide com a dedicação ao bairro e isso tanto mais evidente quanto maior o tamanho da torcida. Nos jogos dos times grandes é possível visualiuzar faixas (trapos) com nomes de diversos bairros e cidades, assim numa partida do River ou do Racing, por exemplo, se encontrará alusões à Ciudad Evita, Mataderos, Pilar ou Floresta entre outras dezenas de referências a localidades e mesmo faixas com o nome de outros clubes como Lanús e



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Quilmes. A fidelidade ao bairro e a paixão pelo futebol permite em alguns casos que um mesmo torcedor seja aceito em duas hinchadas diferentes, o que geralmente ocorre numa divisão de paixão entre um time grande e outro pequeno.

Exemplo desse tipo de paixão dividida é a torcida do Dock Sud, pequeno time de Avellaneda, atualmente na terceira divisão, que tem em suas arquibancadas hinchas dos grandes da cidade, sobretudo do Racing, muitos de La Guardia Imperial, enquanto o seu maior rival, San Telmo, tem como líder de barra um homem influente da Diablos Rojos do Independiente, times que concentram uma das maiores rivalidades do futebol mundial mas que „emprestam“ torcedores para pequenos times de bairro. Como esses clubes, grandes e pequenos, geralmente jogam em divisões diferentes a possibilidade de conflito entre eles é bastante reduzida e, portanto, não haveria para esses torcedores qualquer conflito entre os sentimentos. Esse fenômeno, todavia, não é aceito facilmente na maioria das torcidas, sobretudo naquelas consideradas médias ou que aspiram a um maior reconhecimento e o que geralmente se vê mesmo nos clubes menores é a negação desse „amor duplo“ e o orgulho da dedicação exclusiva à uma única hinchada, assim, em Mataderos, por exemplo, a palavra de ordem é „Soy de Chicago y nadie más“!

A identidade com o bairro expressa outras formas de identidade e de pertencimento. Se para uma hinchada como a do Nueva Chicago ou do Ferro Carril a identidade com o local de origem é quase sempre óbvia e fundamental para a identidade do grupo, dado que a maioria dos torcedores tem origem ou vive, respectivamente, nos bairros de Mataderos ou Caballito, o mesmo não se pode dizer de um clube grande como o Boca Juniors, o de maior torcida, com seguidores em todas as partes do país. Entretanto, ao contrário do que se poderia supor a maioria dos seus hinchas se identificam como boquenses. O canto da torcida, seja o “*Vengo del barrio de boedo barrio de murga y carnaval*”, ou “*Soy del barrio de La Boca*”, ou qualquer outro, cantado por todos, cria uma unidade mítica, como se todos tivessem uma origem comum, como se todos formassem uma unidade, são todos curvos ou bosteros, são torcedores do San Lorenzo e por isso vieram de Boedo ou são torcedores do Boca e têm a mesma origem que o clube, são iguais no mito de uma mesma origem e na ideia de que possuem derrotas e conquistas em comum, uma história e uma personalidade que é vivida e compartilhada.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Manter a sua ligação com o bairro é um ponto fundamental da identidade do hincha do Boca entre outras coisas por ser capaz de diferenciá-los dos arquirrivais do River Plate, clube que nasce no mesmo bairro mas o abandona, ainda na década de 1930, para se abrigar em Belgrano, um bairro rico no outro lado da cidade. Essa mudança leva essa rivalidade do campo do território, a disputa para ser o verdadeiro ou o maior representante da comunidade, para o campo da rivalidade entre classes sociais, se o Boca se mantém como bosteros, clube de operários não qualificados, os rivais seriam agora representantes das elites e classes abastadas, uma identificação reforçada ainda na década de 1930 quando no início do profissionalismo o River tem o melhor estádio da cidade em Palermo e ainda faz altos investimentos na compra de jogadores, ganhando com isso a alcunha de Millonários.

Dentre os clubes de do futebol argentino o River é um dos raros que não enfatizam qualquer identificação com um bairro ou uma cidade sede. A origem territorial é uma referência simbólica fundamental para os torcedores do Boca, ainda que proporcionalmente sejam raros os que efetivamente vieram do bairro, o mesmo se pode dizer da questão classista. Ainda que algumas pesquisas mostrem que efetivamente o tenha, em termos proporcionais, mais torcedores entre as classes mais altas do que o Boca, é evidente que esse também possui seguidores em todos os estratos e classes sociais. Se a alteridade é fundamental para a identidade dos hinchas, um outro aspecto que merece destaque nos discursos da rivalidade é a questão étnica; ambos os clubes tem origem na comunidade italiana que dominava o bairro nos primeiros anos do século passado, mas o bairro de La Boca tem hoje pouco a ver com aquele onde a mais de um século foi fundado o clube, ainda que a pobreza ainda domine o local, a colônia italiana deu lugar à comunidade boliviana, motivo de ironia e sarcasmo para as torcidas adversárias.

A torcida millonaria se vê como legitimamente argentina em suas origens europeias e, por conta disso, como outros clubes ligados a bairros de classe média, enxerga nos rivais uma parcela da população desenraizada de suas tradições portenhas e se referem a eles a partir de preconceitos étnicos, como bolivianos ou negros, e de classe, como villeros, moradores de villas, favelas ou bairros pobres da periferia da cidade. Paradoxalmente, tanto a identidade bostera quanto a millonaria se formam a partir da comunidade italiana, servindo de base para outras rivalidades étnicas,



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

como, por exemplo, com a hinchada do San Lorenzo, o terceiro grande da capital, que é fortemente identificada com a colônia espanhola. Num país formado fundamentalmente por imigrantes europeus, reconhecer o peso e a importância de cada uma delas para a identidade nacional se torna uma questão nacional que vai muito além das rivalidades futebolísticas.

Para os torcedores do San Lorenzo a busca por essa marca de identidade foi fundamental para que conseguisse se colocar como um dos grandes do futebol argentino. Diferente dos outros quatro grandes que se construíram em rivalidades territoriais diretas, Boca e River no bairro de La Boca e Racing e Independiente em Avellaneda, os cuervos tinham como principal rival o Huracan, clube de menor estatura do vizinho bairro de Parque Patrícios, a poucas quadras de distância da sua sede original em Boedo. Ter como principal rival um adversário pouco expressivo no cenário nacional acabava por limitar a grandiosidade de um clube e de uma torcida que buscava concorrer em glórias com os maiores do país.

Além da questão étnica os hinchas do San Lorenzo buscaram um construir um discurso classista e político segundo o qual a sua torcida se diferenciaria dos outros dois grandes da capital por ser composta pela classe média, em oposição ao Boca que representaria a população mais pobre e ao River que representaria aos mais ricos, e também político por ter sido dentre os grandes aquele que mais foi prejudicado pela ditadura militar⁴ (Arangón, 2011;15).

Quando dois clubes disputam um mesmo território a questão identitária envolve aspectos mais complexos que dizem respeito à própria identidade de bairro. Essas rivalidades, comuns aos clubes do interior, é uma das marcas da rivalidade entre os clubes de Avellaneda, Racing e Independiente, dois dos cinco maiores do país. Se por um lado os dois partilham a mesma experiência de pertencer a uma “hinchada da província”⁵, em oposição aos clubes da capital, o fato de pertencerem a um mesmo território ou localidade não pode ser a base da alteridade, dado que suas sedes e os seus estádios estão separados por poucos metros de distância, a identidade passa por questões relacionadas a questões comportamentais. A enorme rivalidade entre as hinchadas, expressa em

⁴ O regime militar construiu o estádio do River Plate, maior da Argentina, para a Copa do Mundo de 1978 enquanto o San Lorenzo teve seu estádio demolido e terrenos „confiscados“

⁵ Avellaneda fica a apenas 4 quilômetros do centro da Capital Federal, essa oposição entre hinchas da capital e de província é, nesse caso, uma separação identitária que diz respeito a noções vagas de pertencimento.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

dezenas de cantos, tem como foco a disputa por ser a maior e sobretudo mais importante torcida da cidade, o que se baseia em valores e percepções pouco concretas, discutíveis e, por isso mesmo, motivo de discussões, debates e paixão. A torcida do Independiente, ainda que as pesquisas a coloquem como a terceira maior do país, é considerada menor pelo fato de que seus torcedores serem menos fiéis e aguantes, são, por conta disso, chamados de amargos e pechofrios, sem sentimentos. Os hinchas do Racing são vistos como sofredores e frustrados pelo histórico do clube, que venceu apenas um campeonato argentino nos últimos 45 anos e deixou de ser uma sociedade civil controlada por seus sócios para ser gerenciado por uma empresa de capital privado.

De forma geral, o orgulho do pertencimento e a identidade da barra não estão ligados às vitórias ou aos títulos dos clubes. As glórias de cada grupo podem ser expressas em frases como “la hinchada que nunca abandona”, “la que tiene más aguantes” etc. Assim, para a hinchada do Nueva Chicago, um time sem títulos de grande expressão, um sinal de honra e glória é a capacidade de arrastar seus hinchas e encher sua cancha mesmo em momento difíceis como na mítica invasão da cancha do Independiente, quando cerca de dez mil pessoas, na conta dos toritos, se dirigiram até Avellaneda para assistir à partida do clube, já rebaixado, se despedir da primeira divisão. Nisso eles se vangloriam e se colocam como superiores aos rivais dos bairros vizinhos, All Boys de Floresta e, sobretudo, Velez Sarsfield de Liniers cujo time tornou-se, nas últimas três décadas, um dos maiores campeões argentinos conquistando mais de dez títulos entre eles a cobiçada, Libertadores da América e o Mundial Interclubes e que só assim pode ser ridicularizado pelos torcedores de Mataderos, cujo time esteve, no mesmo período, a maior parte do tempo entre a segunda e a terceira divisão. Os hinchas de Mataderos se vêem como mais apaixonados e fiéis que os de Liniers e isso os tornam não apenas melhores mas também maiores.

O tamanho da torcida é fundamental para definir o que é um time grande, se o Velez, com diversos títulos conquistados nas últimas décadas é ainda considerado médio ou pequeno, o Racing que conquistou um único campeonato argentino nos últimos 45 anos é um dos grandes, como costumam dizer, pela sua gente. Mesmo com um histórico de fracassos a torcida racinguista é uma das que mais leva torcedores aos estádios no mundo, em 2012, por exemplo, a média de público foi de quase 25 mil pagantes, número bem próximo aos de Boca e River, clubes com



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

torcidas proporcionalmente muito maiores. Para se ter uma base de comparação, naquele ano o Racing em teve em sua cancha praticamente a mesma média de público que o Corinthians, time que naquele ano conquistou os mais importantes títulos de sua história.⁶

Se a relação entre as hinchadas e os clubes tem como componente fundamental a história e as origens de cada um, perder a relação com o bairro pode significar um drama profundo. Por décadas o San Lorenzo tem vivido essa situação, por mais de uma década foi um time sem bairro, o que no futebol argentino significa ser um time sem alma. Um acúmulo de erros administrativos das diretorias do clube, um sonho de modernização, a especulação imobiliária e a pressão da ditadura militar que dizia desejar reurbanizar o bairro levaram as arquibancadas do estádio do clube ao chão, no terreno „sagrado“ de Boedo foi construído um Carrefour. Com as mesmas três cores do San Lorenzo a construção do supermercado representava a maior derrota do clube, a vitória do capital contra a paixão e um motivo de provocações por parte dos adversários. Com cantam, com pequenas variações, os hinchas de Racing e River;

*Cuervo, cuervo tarado, no tienes cancha tenes un supermercado Y lo
pintaran rojo y azul, y a los carritos le pusieran Carrefour Compre frutas e
verduras, un pescado me robe
Vos no tenes una cancha, vos tenes un almacen*

Caíram as arquibancadas e com elas o time, o clube. Sem casa e endividado, dois anos depois o San Lorenzo amargava sua queda para a segunda divisão, foi o primeiro dos grandes a cair. Nos catorze anos seguintes os corvos ficaram sem estádio e sem títulos, jogando em campos que não eram seus, geralmente utilizando o estádio Monumental do rival River Plate ou o estádio do pequeno Atlanta na Villa Crespo. Sem alma, talvez, mas não sem torcida, a torcida fanática seguiu o time e na segunda divisão bateu todos os recordes de público. O novo estádio, inaugurado

⁶ <http://www.pluriconsultoria.com.br/uploads/relatorios/pluri%20especial%20-%20Ranking%20Mundo%20publico%20clubes%202013.pdf>



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

em 1993 no „distante⁷” bairro de Bajo Flores, significava uma nova casa mas nunca chegou a ser um lar, a torcida do cuervo nunca deixou de sonhar com o retorno a Boedo.

Ao longo dos anos o sonho virou obsessão e ganhou as ruas em 2012. Depois de gigantescas manifestações com dezenas de milhares de pessoas o poder público finalmente reconheceu o direito histórico do clube de reaver sua antiga sede. Acampanha Volver a Boedo ganhou a batalha nos tribunais e agora busca viabilizar economicamente a volta à terra santa, o retorno ao novo Velho Gasômetro e a um futuro que volta ao passado. Um passado que, assim como no caso do projeto sionista, reorganiza a identidade do grupo a partir da ideia do retorno a um território sagrado.

Referências Bibliográficas

ARANGÓN, Silvio. Los trapos se ganan em combate. Buenos Aires: Antropofagia, 2007.

CALDERA, José. Hinchas argentinos, tablón, show y sangre. Buenos Aires: Dunken, 2005.

FRYDENDERG, Julio. Historia social del fútbol. Del amauterismo a la profesionalización. Buenos Aires: Siglo Veinteuno, 2011.

GÁNDARA, Lelia. Las voces del fútbol. Análisis del discurso y cantos de cancha. Lecturas, Educación Física y Deportes, Revista Digital. Año 4 · N° 17. Buenos Aires, diciembre, 1999.

GARRIGA Zucal, Jose. Entre machos y putos: estilos masculinos y prácticas violentas de una hinchada de fútbol. Esporte e Sociedade, año 2, num. 4, nov/feb 2007.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GIL, Gastón Julián. La pasión según Aldosivi: el otro y los combates por la identidad. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, ano 14, num. 30, pp. 137-164, jul./dez.2008.

GRABIA, Gustavo. La Doce: la verdadera historia de la barra brava de Boca. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

⁷ O estádio de Bajo Flores fica a cerca de vinte quadras do antigo Gasômetro mas o sentimento de estar num território estrangeiro nunca deixou de estar presente no imaginário do hincha do San Lorenzo.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

MAGNANI, 2002. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: RBCS VOL 17, n 49, junho/2002.

MOREIRA, Maria V. Aguante, generosidad y política em uma hinchada de fútbol argentina. Avá, Revista de Antropología, num. 12, julio, 2008, pp. 79-94.

ROMERO, Amilcar. Deporte, violencia y política. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 2005.

TOLEDO, Luiz. Torcidas organizadas de futebol. Campinas: Autores Associados: Anpocs, 1996.